



BRASIL

20

# O Envelhecimento Populacional da América Latina e dos Países da Organização Iberoamericana e os Desafios para as Políticas Públicas

Texto | Rogério Nagamine Costanzi, Julimar da Silva Bichara e Graziela Ansiliero  
*[Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) do Brasil]*

**Em todo o mundo, mas de forma mais acelerada na América Latina e Caribe e na Ásia, está havendo um processo de envelhecimento populacional, processo impulsionado por quedas na fecundidade e aumentos da expectativa de vida e sobrevida, e, como resultado, incrementos significativos na participação da população idosa no total. Esse fenômeno, que é global, terá importantes implicações econômicas e sociais sobre todo mundo e, na Europa, onde o processo já está mais avançado, já tem resultado em importantes efeitos na sociedade e vem demandado importantes alterações nas políticas públicas e nos sistemas de proteção social.**

Esse processo acelerado de envelhecimento populacional, que está ocorrendo de forma particularmente acelerada no Brasil, produz efeitos muito importantes na Seguridade Social. A tendência natural é que, com o envelhecimento da população, passe a haver uma maior demanda por benefícios e serviços voltados à população idosa e, conseqüentemente, uma pressão sobre o financiamento dos Sistemas de Proteção ou Seguridade Social. Nesse contexto, os ganhos de produtividade do trabalho serão fundamentais para evitar impactos negativos do envelhecimento sobre o crescimento econômico e para garantir o financiamento da seguridade social.

A participação das pessoas de 65 anos ou mais na população mundial passou de 5,1%, em 1950, para 8,3%, em 2015, e deverá atingir o patamar de 22,7% em 2100. Atualmente, as regiões com participação acima da média mundial são Europa, América do Norte e Oceania, sendo a

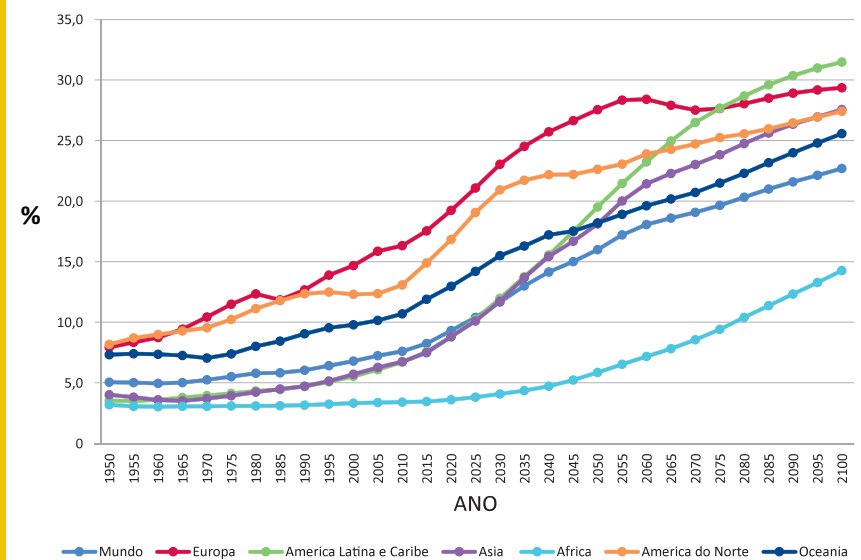
primeira região, por esse indicador, a mais envelhecida. Abaixo da média mundial estão América Latina e Caribe, Ásia e África, mas as duas primeiras regiões estão passando por um rápido processo de envelhecimento, de tal sorte que em 2100 a região com a maior participação de pessoas com 65 anos ou mais seria a América Latina, superando, inclusive, a Europa (ver Gráfico 1).

No caso da América Latina e Caribe, a importância relativa das pessoas com 65 anos ou mais passou de 3,6%, em 1950, para uma estimativa de 7,6%, em 2015, e uma projeção de 31,5%, em 2100. O atual patamar, próximo de 8%, é similar ao observado na Europa em 1950. Na Europa, essa participação aumentou do patamar de 8% para 17% entre 1950 e 2015, ou seja, ao longo de 65 anos. Para América Latina e Caribe, esse incremento de patamar deverá ocorrer entre 2015 e 2045, ou seja, em um intervalo de 30 anos. Novamente, esse dado reforça que

o processo de envelhecimento da América Latina e Caribe está se dando em ritmo muito mais rápido do que o observado na Europa.

Em termos absolutos, isso significa que o total de pessoas com 60 anos ou mais de idade, no mundo, que era de 202,1 milhões, em 1950, aumentou para 901 milhões, em 2015, e deve crescer para 3,2 bilhões no ano de 2100. Neste mesmo período, a população mundial total foi ou será de respectivamente, 2,5 bilhões, 7,3 bilhões e 11,2 bilhões. Já a população de 65 anos ou mais aumentou de 128,7 milhões, em 1950, para 608,2 milhões, em 2015, e deve chegar a 2,5 bilhões em 2100. Portanto, as populações de 60 ou 65 anos ou mais não apenas irão crescer acima da média da população como um todo, como irão crescer a taxas significativas. O grupo formado pelas pessoas com 60 anos ou mais irá mais que triplicar entre 2015 e 2100, enquanto o grupo com 65 anos ou mais de idade irá mais

**Gráfico 1: Participação das pessoas com 65 anos ou mais na população total em % estimativas/observado de 1950 a 2015 e projeções de 2020 a 2100.**



Fonte: Elaborado a partir Divisão de População da ONU – Projeção da população de 2015.

que quadruplicar. Em termos de crescimento médio anual, enquanto a população total irá crescer a uma taxa de 0,5%a.a., os grupos de 60 e 65 anos ou mais crescerão a taxas de, respectivamente, 1,5%a.a. e 1,7%a.a.

No caso da América Latina e Caribe, o total de pessoas com 60 anos ou mais cresceu de apenas 9,6 milhões, em 1950, para 70,9 milhões, em 2015, e deve chegar a 272,4 milhões, em 2090, recuando para 270 milhões em 2100 - portanto, esse grupo quase quadruplicará sua grandeza entre 2015 e 2100. Neste mesmo período, a população total da América Latina e Caribe foi estimada 168,8 milhões, em 1950, 634,4 milhões, em 2015, e deverá ser de 721,2 milhões em 2100. No período de 2015 a 2100, enquanto a taxa média de crescimento anual da população como um todo será de apenas 0,15%a.a., as taxas médias para os gru-

pos de 60 e 65 anos ou mais serão, respectivamente, de 1,6%a.a. e 1,8%a.a..

Uma análise do agregado dos 22 países que compõem a OISS mostra um quadro similar no processo de envelhecimento. A análise mostra que a população total agregada desses países, que era próxima de 200 milhões (196 milhões) em 1950, chegou a uma estimativa de 668 milhões em 2015, ou seja, mais que triplicou no período considerado. Em termos de média anual, houve um crescimento de 1,9%a.a. entre 1950 e 2015, com clara tendência de redução no ritmo de expansão da população, determinada, entre outros fatores, pela queda na taxa de fecundidade.

Enquanto, no período de 1950 a 2015, a população total cresceu a esse ritmo de 1,9%a.a., a média anual será de 0,1%a.a. entre 2015 e 2100. Esse arrefecimento no ritmo de crescimento deve se converter em diminuição da população absoluta a

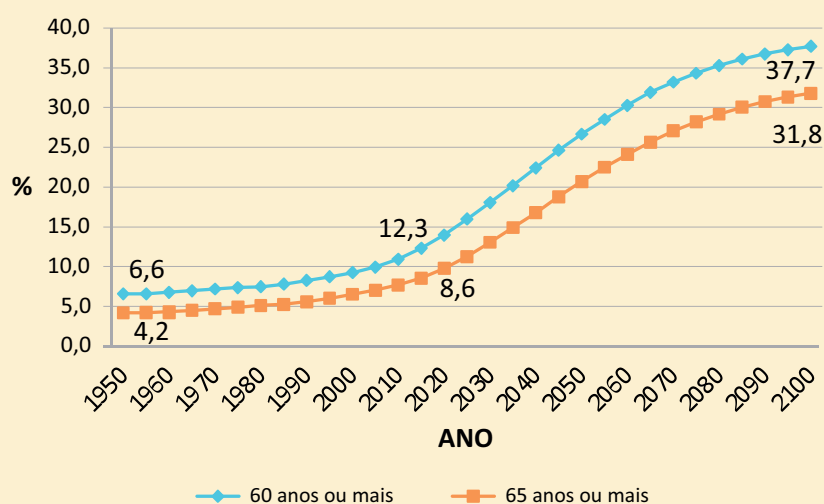
partir da década de 2060, quando, depois de atingir o patamar máximo de 800 milhões, esta passará a recuar, com estimativa de chegar, em 2100, a aproximadamente 746 milhões habitantes.

Já para a população idosa se nota um forte crescimento no período de 2015 a 2100. Em 2015, a estimativa é que havia nos países membros da OISS cerca de 82,3 milhões e 57,3 milhões de pessoas com, respectivamente, 60 e 65 anos ou mais de idade. Em 2100, a projeção é que essas populações cresçam para, respectivamente, 281,3 milhões e 237,2 milhões. Portanto, a estimativa é que, nos países que compõem a OISS, a população de 60 anos ou mais de idade mais que triplique de tamanho entre 2015 e 2100, enquanto o grupo com 65 anos ou mais de idade mais que quadruplicaria no mesmo período. Em termos de média de crescimento anual, enquanto a população total irá crescer, no período, ao ritmo de 0,1%a.a., os grupos de 60 e 65 anos ou mais de idade irão crescer a taxas de 1,5%a.a. e 1,7%a.a., respectivamente.

Como as faixas etárias de 60 e 65 anos de idade ou mais teriam um crescimento bem superior à média da população total, seria esperado um incremento expressivo da participação desses grupos na população total (ver Gráfico 2). Para os países que fazem parte da OISS, a participação da população total das pessoas com 60 anos ou mais, que era de 6,6%, em 1950, passou para 12,3%, em 2015, e deve chegar a 37,7% em 2100. Já para as pessoas de 65 anos ou mais de idade, a participação, que era de apenas 4,2%, em 1950, cresceu para 8,6%, em 2015, e a projeção é que chegue a 31,8% em 2100.

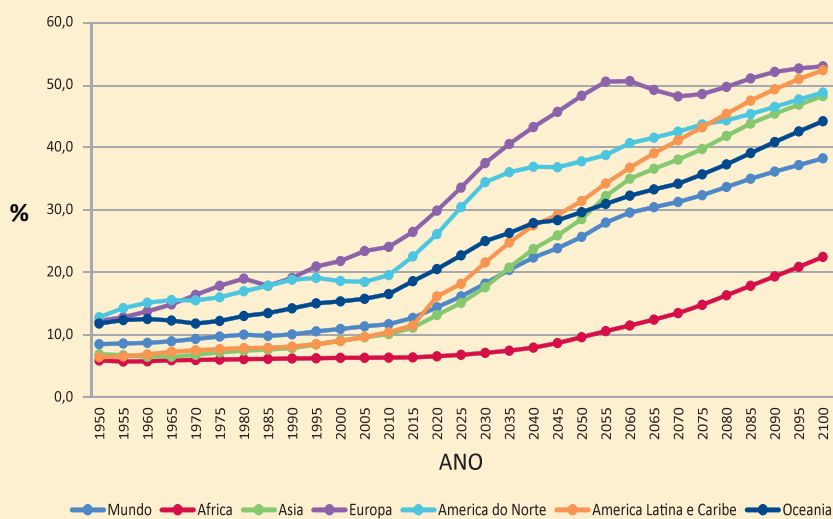
De forma similar ao observado pelo indicador da população idosa no total, a razão de dependência idosa também mostra que haverá um envelhecimento em

**Gráfico 2: Participação da população de 60 e 65 anos ou mais na população total no agregado da OISS estimativas/ observado de 1950 a 2015 e projeções de 2020 a 2100.**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ONU – Projeção da População de 2015.

**Gráfico 3: Razão da Dependência de Idosos (População 65 anos ou mais /População de 15 a 64 anos x 100) estimativas/ observado de 1950 a 2015 e projeções de 2020 a 2100.**



Fonte: Elaborado a partir de dados da Divisão da População da ONU – Projeção da População de 2015.

ritmo mais acelerado nas regiões da América Latina e Ásia. No mundo, a razão de dependência de idosos era, em 1950, aproximadamente 8,4 pessoas com 65 anos ou mais para cada 100 pessoas de 15 a 64 anos, ou seja, sob uma lógica de repartição simples (onde a contribuição das pessoas em atividade financia o pagamento dos benefícios daqueles que já estão inativos), cada 100 pessoas em idade ativa teriam que financiar a proteção de 8 idosos de 65 anos ou mais. Essa razão passou de 8,4, em 1950, para 12,6, em 2015, e deve subir para 38,1, em 2100 (ver Gráfico 3). Dito de outra forma, enquanto, em 1950, 100 pessoas de 15 a 64 anos tinham que arcar com os gastos de proteção de 8,4 pessoas idosas de 65 anos ou mais, em 2100, este mesmo contingente de ativos terá que financiar a cobertura de 38 pessoas com 65 anos ou mais. De forma inversa, em 1950, cada 11,9 pessoas de 15 a 64 anos tinham que financiar a cobertura uma pessoa com 65 anos ou mais de idade; em 2100, estima-se que haverá, para cada pessoa idosa de 65 anos ou mais, apenas 2,6 pessoas de 15 a 64 anos.

Enquanto a Europa demorou cerca de 60 anos, entre 1950 e 2010, para passar de uma razão de dependência de 12 para 24, a América Latina e Caribe deve ter uma trajetória similar entre 2015 e 2035, ou seja, em um período de apenas 20 anos. Em 2100, tanto América Latina e Caribe quanto Europa terão um pouco mais de 50 pessoas com 65 anos ou mais para cada 100 pessoas de 15 a 64 anos, o que significa que haverá menos de dois trabalhadores potencialmente ativos para sustentar a cobertura de cada idoso de 65 anos ou mais.

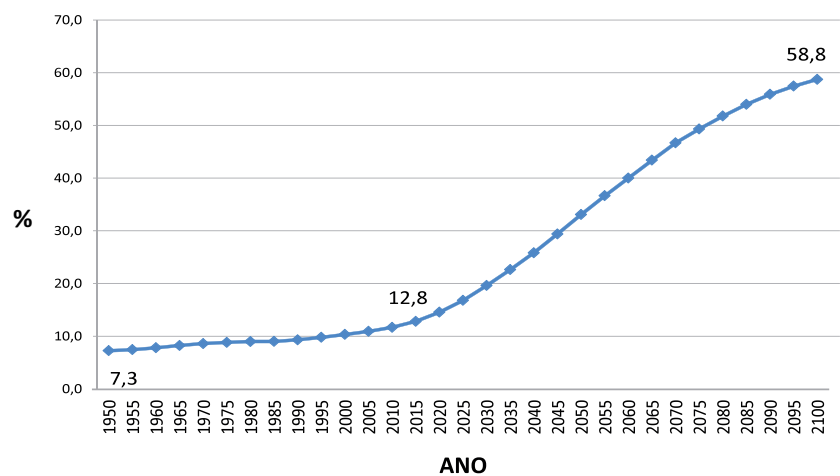
No agregado dos países que compõem a OISS, este contingente de 15 a 64 anos cresceu de 113,5 milhões, em 1950, para 445,8 milhões, em 2015, ou seja, pratica-

mente quadruplicou, com alta média anual de crescimento de 2,5%a.a.. Contudo, com a queda na fecundidade e o incremento da expectativa de vida e sobrevivida (notadamente em idades mais avançadas), não apenas o ritmo de expansão da população de 15 a 64 anos deve ser reduzido, como vai se acelerar o aumento dos idosos de 65 anos ou mais, como já citado anteriormente. Na realidade, a população de 15 a 64 anos começará a cair em termos absolutos a partir da década de 2040, de tal sorte que o crescimento médio anual entre 2015 e 2100 será de apenas +0,1%a.a..

Por essa razão, de forma generalizada para os países que compõem a OISS, haverá uma piora da razão de dependência de idosos de 65 anos ou mais em relação aqueles de 15 a 64 anos. A relação de idosos para cada 100 pessoas de 15 a 64 anos, que era de 7,3, em 1950, cresceu para 12,8, em 2015, e deverá atingir 58,8 em 2100. De forma inversa, isso quer dizer que para cada pessoa de 65 anos ou mais de idade, em 1950, havia aproximadamente 13,8 pessoas de 15 a 64 anos, razão que caiu para 7,8, em 2015, e deve cair para apenas 1,7 em 2100 (ver Gráfico 4).

Como colocado pela ONU (United Nations, 2013), atualmente já há países, entre os desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento, com baixas razões de dependência da população idosa, razão essa que ainda deve cair mais nas próximas décadas e gerar pressão fiscal sobre os sistemas de proteção social dos idosos. Essa maior pressão fiscal fica clara quando se analisa os dados de 86 países da América Latina e do Norte, Europa, Oceania e Ásia para os quais informações relativamente comparáveis sobre a despesa com Previdência Social em percentual do PIB e sobre as razões de dependência de idosos, bem como a respeito da participação de pessoas de 60 ou 65 anos ou mais na população total (COSTANZI, 2015).

**Gráfico 4: Razão da Dependência de Idosos (População 65 anos ou mais / População de 15 a 64 anos x 100) estimativas/observado de 1950 a 2015 e projeções de 2020 a 2100 - Países que compõem a OISS.**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da ONU – Projeção da População de 2015.

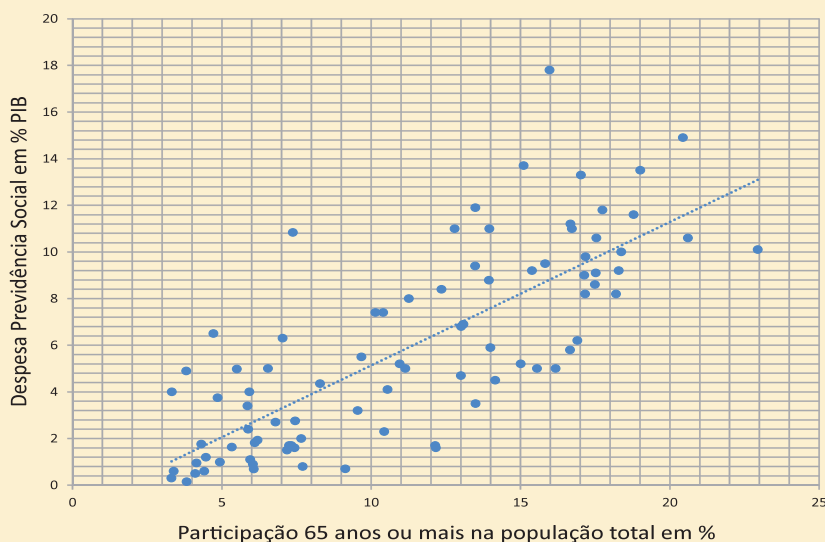
Como pode ser visto pelo Gráfico 5, nota-se uma clara correlação positiva entre esses indicadores de envelhecimento e a despesa em percentual do PIB, ou seja, observa-se que quanto mais envelhecido seja um país, naturalmente maior tenderá a ser sua despesa com previdência. Os indicadores de gastos ou de despesa com Previdência Social, relativos a diferentes anos (variando de 2005 a 2013), foram extraídos de bancos de dados do Banco Mundial e incluem programas contributivos e não contributivos, enquanto os dados de dependência e participação das pessoas idosas na população total foram obtidos em levantamentos e estimativas da organização das nações Unidas (ONU).

Nesse contexto, fica claro que, nos países que ainda não o fizeram, será necessário desenhar e planejar algum ajuste nos sistemas de Previdência e de Seguridade Social (especialmente daqueles que ainda deverão enfrentar as passagens mais

drásticas da transição demográfica descrita), sob o risco de que pressões fiscais crescentes impliquem mudanças ainda mais severas no futuro ou em prejuízos na proteção social da população idosa. A necessidade um planejamento de longo prazo se explica porque benefícios como aposentadorias e pensões por morte são normalmente de longa duração e, por respeito ao direito adquirido, as atuais regras tendem a afetar a despesa por várias décadas.

Por essa razão, é fundamental que os países da América Latina e Caribe e também os demais países que compõem a OISS, muitos dos quais ainda irão passar por um processo extremamente rápido de envelhecimento populacional, comecem o processo de ajuste de seus sistemas de Seguridade Social, sob o risco de problemas de financiamento no futuro. Na Europa e na OCDE, muitos países estão realizando reformas para se adequar ao

**Gráfico 5: Participação da População com 65 anos ou mais na População Total e Despesa com Previdência em % do PIB – 86 Países Ásia, América Latina, Europa, América do Norte e Oceania – 2005 / 2013.**



Fonte: Costanzi (2015), elaborado com base em dados de despesa em % do PIB do Banco Mundial e participação 60 anos ou mais da ONU; exceto para Brasil que dados são do Ministério da Previdência Social para RGPS e BPC de Idosos e da Fazenda para Regime Próprio de Previdência de Servidor Público e dado de dependência do IBGE – Censo 2010.

processo de envelhecimento, adotando várias medidas como, por exemplo, o incremento gradual das idades de aposentadoria e o ajustamento automático à demografia.

De modo geral, a guisa de conclusão, existem efeitos paradoxais do envelhecimento sobre a Previdência e Seguridade Social, pois se por um lado o incremento da participação relativa dos idosos na população total tende a pressionar as demandas de proteção social desse grupo, por outro lado, a diminuição da importância relativa da força de trabalho tende a fragilizar o financiamento dessas políticas exatamente em um momento que a demanda por estas ações estará em forte

crescimento. Para um bom gerenciamento desses efeitos paradoxais, é fundamental um planejamento de longo prazo que busque conciliar elementos contributivos e não contributivos de proteção social, bem como medidas que busquem melhorar as condições do mercado de trabalho, com estímulo ao incremento da produtividade do trabalho e redução do desemprego e da informalidade.



## Referências Bibliográficas

COSTANZI, ROGÉRIO NAGAMINE. *Análise Sintética das Reformas Previdenciárias no Mundo*. Informações FIPE, Abril de 2016.

*Estrutura Demográfica e Despesa com Previdência: Comparação do Brasil com o Cenário Internacional*. Informações FIPE, Dezembro de 2015.

*Pensions at a Glance 2011: Retirement-income Systems in OECD and G20 Countries*. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 2011.

*Pensions at a Glance 2013: OECD and G20 Indicators*. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) 2013.

*Pensions at a Glance 2015: OECD and G20 Indicators*. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) 2015.

*World Social Protection Report 2014/15: Building Economic Recovery, Inclusive Development and Social Justice*. Organização Internacional do Trabalho (OIT). Geneva, ILO 2014.

*World Population Ageing 2013*. Department of Economic and Social Affairs/Population Division. United Nations, New York, 2013.

*World Population Prospects: The 2015 Revision, Key Findings and Advance Tables*. Department of Economic and Social Affairs/Population Division. United Nations, New York, 2015.